

Sistemas agroecológicos sustentáveis mudam a paisagem do Quilombo Catolé em Serra Talhada

Esta edição do Boletim O Candeeiro retrata a transformação da paisagem do Quilombo Catolé, localizado no município de Serra Talhada, a partir da implantação de sistemas agroecológicos nas unidades produtivas das famílias agricultoras que residem na comunidade, com o apoio do Centro de Educação Comunitária Rural – CECOR. Entusiasmadas, as famílias estão se adaptando a um novo modelo de manejo do solo, apostando na produção consorciada dos sistemas, que visam a melhoria da segurança alimentar e nutricional, a comercialização e a geração de renda, além da preservação da natureza.

Lindinalva e Manoel: os pioneiros dos sistemas agroecológicos no Catolé



Família começou a colher os primeiros frutos do sistema agroecológico.

Lindinalva Santana Nascimento, de 57 anos, e Manoel Eloi de Barros, de 60 anos, moram no Catolé há mais de 30 anos. Após décadas trabalhando na terra da maneira tradicional, os agricultores foram os primeiros a iniciar a implantação do sistema agroecológico no quilombo, experiência que vem enchendo os olhos de quem visita a família. O sistema fica bem pertinho da casa dos agricultores e já começou a dar os primeiros frutos e sementes.

No espaço consorciado, Dona Nalva e Seu Manoel plantaram de tudo: hortaliças, legumes, árvores frutíferas, milho, feijão, plantas forrageiras, plantas medicinais, mudas nativas e plantas para ajudar a recuperar o solo.



Sementes da leguminosa 'feijão de porco' colhidas do sistema agroecológico de Dona Nalva e Seu Manoel. A planta é indicada para recuperação do solo

Por enquanto, a produção é para o consumo da família, mas eles já planejam produzir mais para comercializar. “Nós nunca tínhamos produzido assim não, tudo misturado, é a primeira vez. Mas estamos animados para produzir mais, começamos agora”, relatou Seu Manoel. O sistema da família é complementando pela criação de caprinos.

Dona Lina: colocando em prática a produção consorciada no sistema agroecológico



O pomar de Dona Lina ganhou uma estrutura para hortas, mudas de maracujá, sementes de leguminosas e mudas nativas para enriquecer o sistema agroecológico.

A agricultora Catarina Maria da Conceição, de 67 anos, conhecida por Dona Lina, vive no Catolé há 30 anos, onde criou os sete filhos biológicos e cuidou de outras sete crianças. Viúva, hoje ela cuida sozinha da propriedade, e, apesar das dificuldades, mantém uma produção significativa de diversas culturas.

No pomar, que fica nos fundos da residência, a agricultora está colocando em prática a aprendizagem adquirida com as oficinas e intercâmbios promovidos pelo CECOR. O lugar já começou a ganhar aspecto de um sistema agroecológico, com frutíferas, leguminosas, hortaliças, plantas forrageiras, criação de animais e espécies nativas de plantas para recuperação do solo, tudo consorciado em perfeita harmonia.

“Foi muito bom, porque a gente já tinha uma parte, e com essa força que vocês estão dando é uma bênção. Algumas coisas eu já sabia, mas aprendi a fazer os defensivos naturais, a fazer as mudas, muito bom mesmo”, comentou a agricultora, que está animada para comercializar a produção excedente do pomar. “Eu quero vender, tem gente interessada em comprar cocos, e eu quero vender o que der pra vender sim”, afirmou.



Plantação de leguminosas para ajudar na recuperação do solo, cultivo de frutíferas e criação de porcos: tudo em sintonia no sistema de Dona Lina.

Os desafios de Denize e Gil



Casal vive há três anos da produção de frutíferas e hortaliças no Quilombo Catolé

O casal de agricultores Denize Pereira dos Santos, de 49 anos, e Carlos Gilberto Souza Carvalho (Gil), de 25 anos, veio de São Paulo há três anos para morar no Quilombo Catolé, onde mantém um pomar nas proximidades da residência, cria galinhas e algumas cabeças de gado.

No início, o casal produzia hortaliças para vender no comércio do distrito de Bom Nome, localizado no município de São José do Belmonte. Mas nem toda a produção conseguia ser comercializada e boa parte se perdia nos canteiros. Desanimada, a família deixou de cultivar as hortaliças, mantendo apenas as fruteiras.

Outra dificuldade era o acesso às sementes para plantar. Denize conta que precisava encomendar sementes no Ceará porque não encontrava na região. Agora, a família recebeu um viveiro telado e passou por capacitação técnica para produzir suas próprias mudas, reduzindo os custos e facilitando o processo de produção na propriedade.

A expectativa é continuar produzindo frutas e hortaliças para vender em uma feira agroecológica no município de São José do Belmonte.



Casal aprendeu a produzir as próprias mudas para plantar no sistema agroecológico.

HISTÓRICO DO QUILOMBO

A comunidade Catolé foi reconhecida como quilombo em 2014. Ela teve origem com a chegada de quatro famílias de trabalhadores arrendeiros, que no passado compraram parte de uma grande fazenda e se estabeleceram no local, dando início ao povoamento da comunidade. Além da agricultura de subsistência e criação de animais, os quilombolas mantêm vivas as tradições religiosas dos antepassados, preservando a dança do Toré, uma manifestação cultural de grande importância para indígenas e quilombolas no Brasil. A dança é apresentada nas festividades pelo Grupo de Toré Jurema Encantada, ajudando a perpetuar o ritual para as novas gerações. Outra manifestação religiosa fundamental no quilombo é a Festa de São Gonçalo, ocasião em que os moradores se reúnem para dançar em devoção ao santo. Atualmente, dezenas de famílias vivem no Quilombo Catolé, que conta com uma associação comunitária, a Associação dos Moradores do Quilombo Catolé dos Índios Pretos.



Grupo de Toré Jurema Encantada.